

SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA EM GRAMSCI

Luiz Etevaldo da Silva¹

RESUMO

Este artigo tece considerações sobre como o filósofo italiano Antonio Gramsci pensa as relações da sociedade com a política e a cultura; analisa a lógica gramsciana no que se refere à importância da filosofia e da ideologia na configuração da hegemonia das camadas populares, para criar condições de transformações nos processos e nas estruturas sociais, mediante ações políticas. É uma incursão epistemológica nas categorias do autor para refletir uma postura política que oriente o processo de luta pela emancipação social e, desta forma, superar as condições de existência.

Palavras-chave: Homem; Intelectual; Cultura, Política; Hegemonia.

ABSTRACT

This article considers how the Italian philosopher Antonio Gramsci thinks the relationship between society and politics and culture, examines the Gramsci's logic regarding the importance of philosophy and ideology in determining the hegemony of the working classes, to create conditions for change processes and social structures through political action. It is a incursion into the epistemological categories of the author in order to reflect a political stance to guide the process of struggle for social emancipation and thus overcome the conditions of existence.

Keywords: Man, Intellectual; Culture, Politics, Hegemony.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antonio Gramsci (1891-1937) foi um pensador inconformado com o seu tempo; sempre acreditou que era possível que os movimentos sociais, ligados às camadas populares, pudessem através da ação política promover transformações em favor da qualificação da vida.

Gramsci, com o conceito de intelectuais orgânicos, nos ajuda, na atualidade, fazer enunciados no sentido da mobilização social; para o engajamento político das camadas subalternas, na luta por emancipação. Para ele, o intelectual, mediador entre a sociedade política (Estado) e os movimentos sociais (sociedade civil), tem um papel importantíssimo na

¹ Mestrando em Educação nas Ciências (UNIJUÍ-RS). Bolsista da CAPES. Docente na rede de ensino básica pública do Estado do RS.

organização dos atores sociais, no processo de articulação de estratégias para criar hegemonia da classe trabalhadora.

A hegemonia cultural, no entender de Gramsci, resultado da ação da sociedade civil, passa pelos organismos sociais e políticos; por exemplo, a escola, a igreja, meios de comunicação, movimentos sociais, família, etc. neste caso, pensava ele, que a ideologia que dava sustentação ao pensamento dos sujeitos do processo sócio-histórico, neste tempo, constitui-se elemento a ser trabalhado pelos intelectuais orgânicos. Para isso, considerava fundamental a relação do homem com a política para construção da hegemonia. Neste artigo, portanto, tentaremos tecer observações acerca desta temática.

1. O HOMEM E A POLÍTICA

O intelectual orgânico, então, é para Gramsci aquele que consegue pensar a complexidade da realidade social e política, em suas diversas dimensões; coloca, assim, seu conhecimento em favor dos movimentos sociais. Ele é fundamental no processo de construção da consciência dos indivíduos num determinado momento histórico.

Os filósofos, pelo ponto de vista da lógica gramsciana, criam ideologias, que podem ser importantes para servir de orientação aos sujeitos no processo política; na criação de condições para superação das contradições de classe e potencializar os agentes para mudanças.

Consciência é, para Gramsci, relacionar a prática com a teoria dialeticamente. Para isso, é indispensável o acesso ao conhecimento filosófico, cuja dinâmica insere-se no contexto de análise dos conceitos, a partir de horizontes ampliados e visão crítica da realidade. Segundo Gramsci:

É preciso destruir o preconceito muito difundido de que a filosofia é qualquer coisa de muito difícil pelo fato de ser atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos (GRAMSCI, 1978, p. 21).

Para Gramsci a filosofia contribui para desenvolver um espírito crítico das relações sócio-históricas; tornar inteligível a concepção de mundo que serve de base para as pessoas pensarem e fazer a análise da ideologia que dá sustentação à consciência; é por ela que o homem consegue uma conexão com o mundo e compreende-se como ser social e político (GRAMSCI, 1978, p. 21).

Para elaborar uma concepção de mundo, consciente e crítica o homem precisa de referenciais filosóficos, isto é, de ideologia. “Criar uma concepção de mundo significa, portanto, torná-la unitária e coerente, e elevá-la até ao ponto a que subiu o pensamento mais avançado” (GRAMSCI, 1978, p. 22). Sendo assim, é interessante que o indivíduo aprenda a selecionar elementos epistemológicos que ajudem a sustentar sua concepção de mundo; no complexo de crise cria possibilidades para superação.

Agir politicamente, neste caso, é estar em condições de enfrentamento das situações adversas e conseguir construir alternativas de mudanças. Para Gramsci (1978, p. 23), a filosofia, como ordem intelectual é a crítica e superação das condições dadas. Ela, então, colabora para elevar senso comum e aproximar do conhecimento científico, criando, assim, formas de entendimento da realidade, em suas diversas dimensões e complexos dialéticos.

O agir em favor de intervenção numa determinada realidade é sempre uma ação política. “Eis a razão por que não se pode separar a filosofia da política e se pode mostrar, pelo contrário, que a opção e a crítica de uma concepção do mundo é, também, um ato político” (GRAMSCI, 1978, p. 24). O ato intelectual é, então, um ato político, pois consiste numa inserção ao contexto social, na decifração das relações de poder e nos processos de dominação.

Para Gramsci, os sujeitos que se ocupam em pensar a realidade social, servindo de mediadores entre a sociedade civil (movimentos sociais) e a sociedade política (Estado) são chamados de intelectuais orgânicos. Para Gramsci intelectual é:

Um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isso é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1982, p. 7/8).

Segundo ele toda classe social tem seus intelectuais (1982), tanto a classe burguesa ou a proletária. Mas, a grande preocupação dele era com as camadas populares; estas é que necessitavam dos conhecimentos dos intelectuais orgânicos para ajudar a realizar uma leitura do mundo e, assim, possibilitar construir alternativas de hegemonia, no contexto de luta pela qualificação da vida, em todos os sentidos: espirituais e/ou materiais.

Para o teórico italiano, “a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis” (GRAMSCI, 1982, p. 09). Neste caso, pensando nas classes subalternas, as instituições de ensino precisam, então, articular-se para desenvolver uma pedagogia crítica para criar condições de constituir subjetividades capazes de realizar a práxis, em favor da transformação dos processos e estruturas que o oprimem.

Neste sentido, escreveu Gramsci (1978, p. 27), que “uma filosofia da práxis não pode apresentar-se inicialmente senão numa atitude polêmica e crítica como superação do modo de pensar precedente e do pensamento concreto existe (...)”. A escola, portanto, está diante do desafio de criar condições para formar sujeitos críticos, em condições de superação dos processos ideológicos que oprimem e impedem a emancipação.

A escola pode ser, e deve ser, uma instituição construtora de conhecimentos emancipatórios, que contribuam para possibilitar o indivíduo agir conscientemente; engajando-se na luta por transformações das condições perversas, injustas e negadoras da dignidade humana. Para isso, é necessário construir forças para uma hegemonia dos movimentos sociais populares.

2. A CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA

No ponto anterior foi dito que o papel da escola é importantíssimo no processo de criar condições de hegemonia; no entanto, convém deixar claro, que somente ela certamente não conseguirá realizar mudanças substanciais, o contexto é muito mais amplo, é compromisso de luta de toda sociedade civil, notadamente movimentos sociais populares.

Mas o que significa criar hegemonia?

O termo hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa “conduzir”, “ser guia”, “ser líder”, ou também do verbo *eghemeuo*, que significa “ser guia”, “proceder”, “conduzir”, e do qual deriva “estar à frente”, “comandar”, “ser o senhor” (GRUPPI, 1978, p. 01).

Para Gramsci, certamente, utilizou o termo para designar o processo de liderança das camadas populares na luta para emanciparem, libertarem-se e construir uma nova ordem social, cujas condições de valorização da vida estivessem acima do econômico. Gruppi interpretou da seguinte forma esta questão:

É essa conexão de teoria e prática que permite a Gramsci afirmar que a teoria e a realização da hegemonia do proletariado (...) têm um grande valor filosófico, já que a hegemonia do proletariado representa a transformação, a construção de uma nova sociedade, de uma nova estrutura econômica, de uma nova organização política e também de uma nova orientação ideológica e cultural (GRUPPI, 1978, p. 02).

Hegemonia é o protagonismo da classe proletária e mudança nos processos organizativos, modificando o papel da sociedade política (Estado). “A hegemonia é a capacidade de direção, de conquistar alianças, capacidade de fornecer uma base social ao Estado proletário” (GRUPPI, 1978, p. 05).

A hegemonia consiste na conexão de forças para mudar as relações na sociedade capitalista, no caso. Mas para isso, adverte Gruppi, é necessário consciência teórica e cultural dos sujeitos envolvidos, que empreendem as ações. É um processo, portanto, não pode querer os resultados imediatamente. Conforme o autor:

Sem esta unidade de teoria e ação, a hegemonia é impossível, porque ela só se dá com a plena consciência teórica e cultural da própria ação; com aquela consciência que é o único modo de tornar possível a coerência da ação, de emprestar-lhe uma perspectiva, superando a imediatividade empírica (GRUPPI, 1978, p. 11).

A hegemonia depende da práxis para se consubstanciar social e politicamente. Ela envolve diversas dimensões das instâncias sociais. “Portanto, temos aqui a hegemonia entendida não apenas como direção política, mas também direção moral, cultural, ideológica” (GRUPPI, 1978, p. 11).

Por isso, Gramsci considera importante a formação de uma classe de intelectuais para coordenar o processo de transformação e consolidação da hegemonia proletária. Visto que ela exige referenciais teóricos e estratégia tática. Paludo comenta que:

A hegemonia, segundo Gramsci, corresponde à direção intelectual e moral (cultural) predominantemente nas sociedades num dado momento histórico e representa a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política. Ela se processa na superestrutura e mantém vínculos dialéticos e orgânicos com a esfera econômica (infraestrutura- sua base de classe). A complexa dinâmica hegemonia contempla a utilização de mecanismos de coerção e de consenso para a manutenção da ordem pelas classes dominantes sobre a sociedade. Quando há o predomínio da sociedade política ou do Estado na regulação social, tem-se a intensificação da coerção, que poderá chegar a ditadura, e, quando se tem o predomínio da hegemonia, é maior a direção moral e intelectual (cultural) da sociedade civil (PALUDO, 2001, p. 37).

Mudar as estruturas de uma sociedade é algo complexo. Exige das camadas revolucionárias habilidade para conduzir a dinâmica da nova organização social, econômica, política e cultura. Assim, a práxis é fundamental para dar sentido e significado ao contexto de confronto de ideologias. Pois,

Para o autor, a práxis política central das classes subalternas para a mudança da ordem atual deveria se processar em todos os níveis da sociedade: na base econômica e nas superestruturas política e ideológica, mediante a disputa de hegemonia, visando à desconstrução da ideologia liberal e à construção de uma nova direção política (...) (PALUDO, 2001, p. 38).

Criar condições de hegemonia, por parte das camadas sociais subalternas, é assumir o controle da situação revolucionária e implantar uma outra forma de organização social; com uma ideologia que favoreça a emancipação dos indivíduos, onde a justiça social e a qualificação da vida esteja acima da lógica capitalista do mercado. Gruppi comenta que:

Gramsci acrescenta que a realização de um aparato hegemônico, isto é, de um aparato de direção- pode-se dizer, do aparato do Estado-, enquanto cria um novo terreno ideológico determina uma reforma das consciências, novos métodos de conhecimento, sendo assim um evento filosófico (GRUPPI, 1978, p. 04).

Neste momento, uma nova consciência filosófica se apresenta, por meio dos intelectuais que vão significar a nova concepção do mundo, superando no caso atual a concepção liberal. Assim:

É claro o ponto de vista no qual Gramsci se coloca. Há uma relação estrutura-superestrutura ideológica. A estrutura determina a superestrutura e disso deriva a estreita conexão entre política e filosofia. Movimento máximo da política é a revolução, a criação de um novo Estado, de um poder e de uma nova sociedade. (GRUPPI, 1978, p. 04).

A importância dos intelectuais, reafirmamos, é fundamental, pois a compreensão do movimento de transformação da sociedade passa inevitavelmente por uma questão filosófica, que interpreta a realidade nova, a partir de novos referenciais, e convence o maior número possível de pessoas a acreditar na nova configuração societária. “Esta estreita identidade de política e filosofia faz que o momento culminante da filosofia seja a política transformadora, e que o filósofo seja o homem como transformador” (GRUPPI, 1978, p. 05).

Pensar em hegemonia, para Gramsci, é entender que a mudança requer “cabeças” para articular as idéias para sustentar as transformações. Sem isto não é possível criar novas formas de sociabilidades. “A hegemonia é a capacidade de direção de conquistar alianças, capacidade de fornecer uma base social ao estado proletário” (GRUPPI, 1978, p. 05).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de pensar a partir do pensamento gramsciano é uma tarefa complexa. Aqui, apenas consegui sintetizar algumas idéias do filósofo italiano Antonio Gramsci. Sempre

é interessante reler Gramsci, analisar suas concepções sobre a relação da sociedade com a política e a cultura.

O pensador italiano, através do conceito de hegemonia, oferece condições para uma práxis voltada a fortalecer a luta por transformações sociais, em favor de um modelo de sociedade alternativa. Suas idéias contribuem para formar uma visão histórico-dialética da realidade social, com algo construído culturalmente.

As categorias gramscianas ajudam a compreender melhor a influência das ideologias no processo de dominação ou de libertação. Ao longo do texto enfatizamos a importância da filosofia de Gramsci para leitura crítica das relações de poder social, cultural e político; para uma intervenção na realidade e, assim, oportunizar as classes subalternas superar as condições de existência.

O que ficou relativamente evidente, portanto, com a (re)leitura de Gramsci é que suas concepções são coadjuvantes para uma filosofia da práxis, que pensa criticamente o contexto, a partir de uma relação dialética entre prática e teoria. Assim, nos capacita a nos constituir como sujeitos históricos, protagonistas do processo de emancipação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. Tradução Manuel Cruz; revisão Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.